

“Pessoa” e os outros

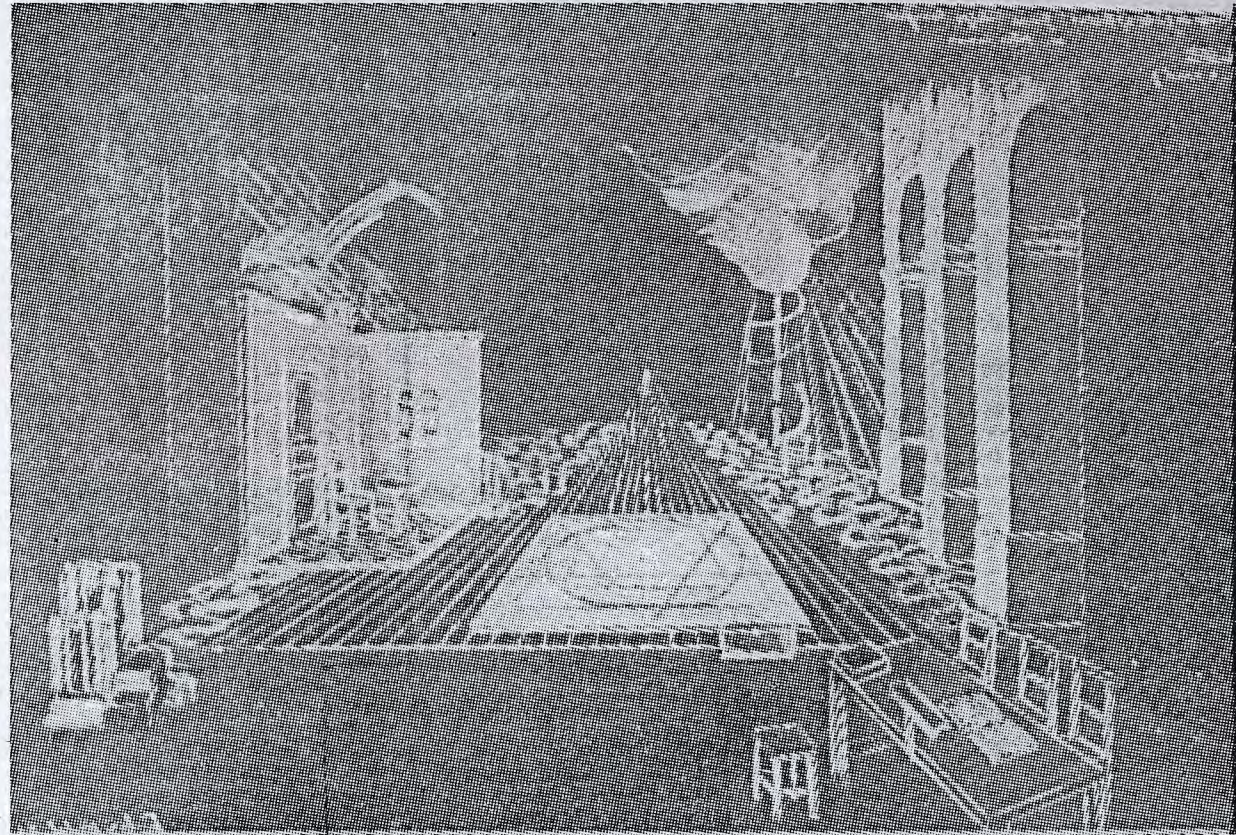
385

Manuela de Azevedo

«Fernando (talvez) Pessoa», um texto aliciante, a que já me referi, quando apareceu nas livrarias, merecia o destino que teve e que daqui, nestas páginas, lhe vaticinei. Esse destino era, evidentemente, um palco, e a este subiu, no Nacional, apoiado numa das melhores encenações de Artur Ramos, a quem se deve, por certo, uma lógica direcção de actores, o que teve como resultado um espectáculo de estilo homogéneo de nível excelente e muito raro no nosso teatro.

Não sei se esta colagem de textos de Fernando Pessoa, feita com inteligência por Jaime Salazar Sampaio, vai ser amada pelo grande público. Por mim, que admiro Pessoa como sua modesta mas sensível leitora, confesso que descubro no texto de Salazar Sampaio virtualidades teatrais pessoais que dificilmente se descobrem em leitura desprevenida em tal sentido, ainda que atenta à escrita do poeta. Esse sentido cénico de Pessoa não escapou, porém, ao espírito de análise do homem de teatro que é Jaime Salazar Sampaio. E assim nos deu um espectáculo total, um Pessoa e seus heterónimos como eles próprios se disseram e escreveram, integrados não nas páginas dos livros mas na urdidura de um espectáculo teatral. De certo, para o obter, Jaime Salazar Sampaio serviu-se de outros meios e fez outras pesquisas, em Mário de Sá-Carneiro, em Dantas, em Almada Negreiros, em António Botto e outros que fizeram o «Orfeu» e o modernismo, com os seus títeres, os seus ases, os seus fossos, a sua má-língua e o seu revolucionário génio inovador.

Três artistas de teatro experimental, há dois anos à espera do prometi-



do subsídio, decidem ir mesmo para a frente com um espectáculo consagrado a Pessoa. Puseram um anúncio e as personagens vão chegando, como já lá está o próprio Pessoa. Não se julgue, porém, que se trata de um espectáculo de interesse apenas para os muito conhecedores da poesia de Fernando Pessoa. Para estes haverá um gosto espiritual muito particular. Para os restantes, ficará o espectáculo teatral em si, sedutor, divertido por vezes, com excelente

ritmo e excelente interpretação de um texto de qualidade superior.

Falei em ritmo, mas não quero deixar de assinalar que o perde a partir da presença de «Mário de Sá-Carneiro», retomando-o apenas na cena final. Outra observação me permite fazer, quando «Almada» diz a célebre frase: «Morra o Dantas! Na verdade, a frase não é «Morra o Dantas, morra Dantas, pim!» mas «Morra o Dantas, morra» — «pim! que é o tiro de escárnio de Almada...

Se observar as minhas reservas à interpretação de Rui de Matos, direi que os intérpretes formam uma galeria notável, com um Mário Pereira excelentemente contido na personagem; António Rama, num «Pessoa» de recorte moderno, que não exclui a linha física e psicológica que os retratos revelam; São José Lapa, natural, perfeita em três personagens (a actriz, o «menino Fernando Pessoa» e a «Ofélia» dos amores do poeta).

Varela Silva, vestido de pastor